

## Variamente

Stela diz *sim* à insistente desacomodação de si, movimenta-se bem neste território de chão instável, do inesperado, do desconhecido que habita em nós e que, se nos desestabiliza, igualmente nos distancia de uma forma única dominante. À medida que se expõe às forças do *fora*, suas falas, sempre fragmentadas, vão sendo tecidas e dão visibilidade à Stela-do-Patrocínio-sempre-em-processo-de-tornar-se-outra-coisa: isso que chamamos de *subjetividade em devir*. É na dobra do *fora* que a subjetividade vai ganhando e perdendo contornos, inventando novas possibilidades de vida ou constituindo outros modos de existência. Devemos entender subjetivação como um processo que se afasta de uma identidade e uma interioridade constituindo uma individuação, uma singularidade, um acontecimento. É um modo intensivo e não um sujeito pessoal.

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo  
 Eu era ar, espaço vazio, tempo  
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó  
 Eu não tinha formação  
 Não tinha formatura  
 Não tinha onde fazer cabeça  
 Fazer braço, fazer corpo  
 Fazer orelha, fazer nariz  
 Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas  
 Fazer céu da boca, fazer falatório  
 Fazer músculo, fazer dente  
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa  
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio  
 Não tinha onde tirar nada disso  
 Eu era espaço vazio puro  
 (Patrocínio: 2001,p. 82)

Nenhuma forma-formada a priori, mas uma energia do informe, do inacabamento, deixando-se vaziar, fluir, afetar e ser afetada, à deriva. No processo de engendrar sua fala-escrita, sua subjetividade vai se construindo, afastando-se de uma forma única, dominante de si mesma. Sabe que somos e não somos, achamo-nos num devir que não produz outra coisa senão o próprio devir, ainda que qualificado como devir animal, sem nenhuma exigência de um termo que seria o animal no qual se tornou,

sabendo que o que é real é o próprio devir, “plural como um universo”, já dizia Pessoa. Ou ainda dele:

Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros) (...) como se meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada [?], por uma soma de não eus sintetizados num eu posição (PESSOA: 1986, p. 83).

Nesse desfile de figuras que a personagem Stela faz devir em lugar de seu nome, percebe-se uma narrativa que não tem a preocupação de expressar a identidade da personagem real ou fictícia, pois não se trata de questão da identidade do eu consigo mesmo. O que aparece aqui é a figura sem forma determinada: de macaco a cavalo, a cachorro, a serpente, a jacaré, em contraposição à unidade do eu como unidade ideal.